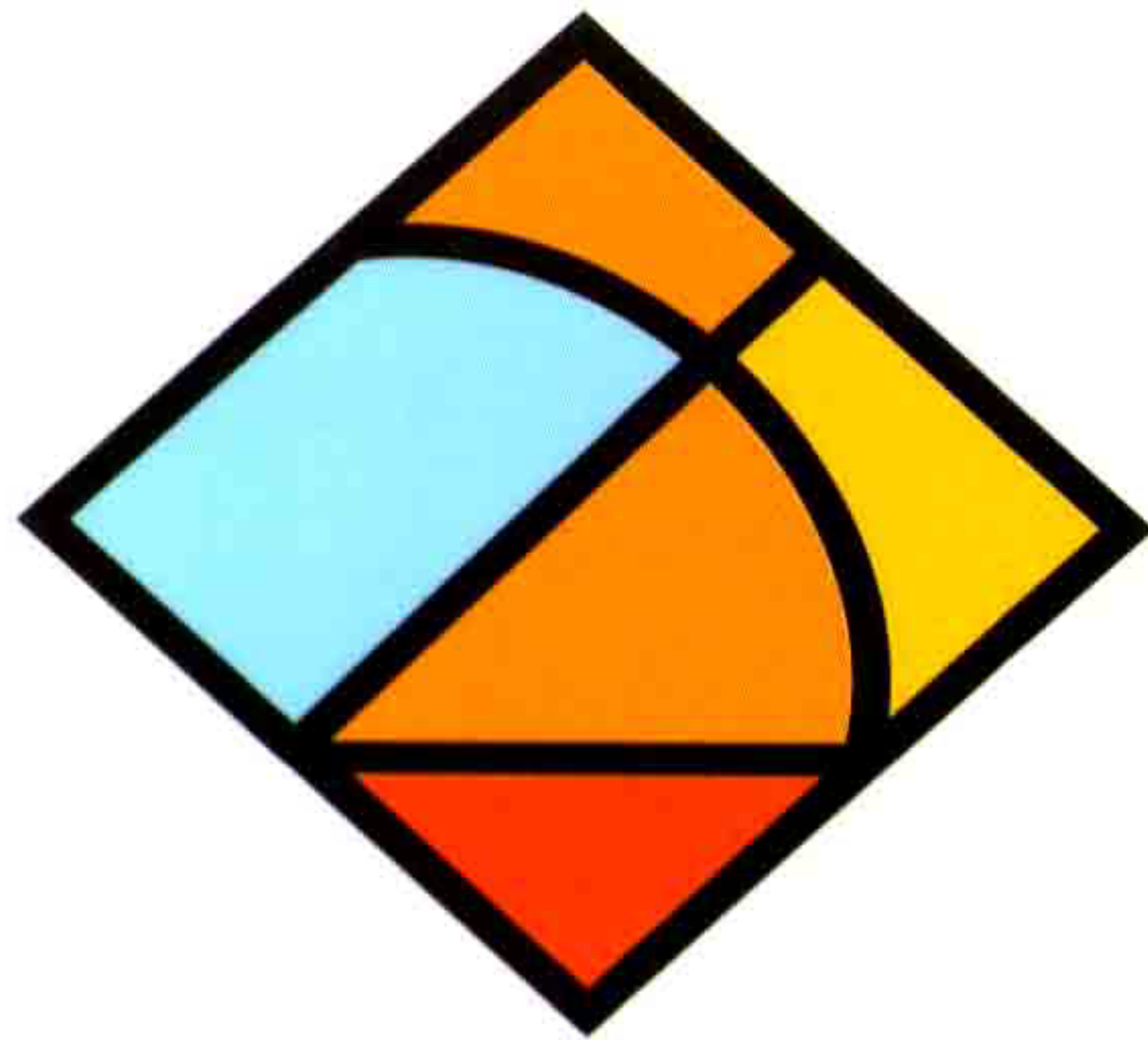


**2ª edição**



**Maria Teresa Freitas  
Solange Jobim e Souza  
Sônia Kramer**

# **CIÊNCIAS HUMANAS E PESQUISA**

**Leituras de Mikhail Bakhtin**

**QUESTÕES  
DA NOSSA  
ÉPOCA  
107**

**CORTEZ  
EDITORA**

Coleção  
QUESTÕES DA NOSSA ÉPOCA  
*Volume 107*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ciências humanas e pesquisa : leitura de Mikhail Bakhtin / Maria Teresa Freitas, Solange Jobim e Souza, Sonia Kramer (orgs.). – 2.ed. – São Paulo, Cortez, 2007. – (Coleção questões da nossa época ; v. 107).

ISBN 978-85-249-0950-4

1. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975 – Crítica e interpretação 2. Ciências humanas – Pesquisa I. Freitas, Maria Teresa. II. Jobim e Souza, Solange. III. Kramer, Sonia IV. Título: Leitura de Mikhail Bakhtin. V. Série.

03-4025

CDD-001.3072

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ciências humanas : Pesquisa 001.3072

Maria Teresa Freitas • Solange Jobim e Souza  
• Sonia Kramer (orgs.)

CIÊNCIAS HUMANAS E PESQUISA:  
Leituras de Mikhail Bakhtin

**2ª edição**

 **CORTEZ  
EDITORA**

CIÊNCIAS HUMANAS E PESQUISA: Leituras de Mikhail Bakhtin  
Maria Teresa Freitas, Solange Jobim e Souza, Sonia Kramer (orgs.)

*Capa:* Estúdio Graal

*Preparação de originais:* Sandra Regina de Souza

*Revisão:* Maria de Lourdes de Almeida

*Composição:* Dany Editora Ltda.

*Coordenação editorial:* Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem  
autorização expressa dos autores e do editor.

© 2003 by Autores

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Bartira, 317 — Perdizes

05009-000 — São Paulo – SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

E-mail: [cortez@cortezeditora.com.br](mailto:cortez@cortezeditora.com.br)

[www.cortezeditora.com.br](http://www.cortezeditora.com.br)

Impresso no Brasil — junho de 2007

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Apresentação .....   | 7  |
| A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla<br>articulação ética, estética e epistemológica<br><i>Marília Amorim</i> .....                                 | 11 |
| A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da<br>construção do conhecimento<br><i>Maria Teresa Freitas</i> .....                                      | 26 |
| A diferença identifica. A desigualdade deforma.<br>Percursos bakhtinianos de construção ética<br>e estética<br><i>João Wanderley Geraldi</i> .....         | 39 |
| Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com<br>diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em<br>ciências humanas<br><i>Sônia Kramer</i> .....   | 57 |
| Dialogismo e alteridade na utilização da imagem<br>técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas<br>e metodológicas<br><i>Solange Jobim e Souza</i> ..... | 77 |
| Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento:<br>contribuições para a pesquisa e para a prática<br>pedagógica<br><i>Cecília Goulart</i> .....          | 95 |

## Apresentação

Qual o compromisso social e político da pesquisa acadêmica? Até que ponto as pesquisas realizadas nas instituições acadêmicas estão, de fato, voltadas para encontrar soluções para os problemas enfrentados no cotidiano, e que dizem respeito aos modos de vida individuais e coletivos?

Nas últimas décadas, os pesquisadores têm questionado — cada vez mais intensamente — orientações epistemológicas calcadas no positivismo, que reificam o método e a suposição de neutralidade nas ciências humanas como requisito que seria capaz de assegurar seu estatuto de cientificidade. Sabemos que é preciso que as ciências humanas rompam com a produção do conhecimento fabricado segundo um padrão, optando por um caminho que denuncie a repetição mecânica de certos procedimentos teórico-metodológicos. Vale lembrar que isto não significa abrir mão do compromisso com o rigor científico, mas, ao contrário, conquistar um rigor e uma autenticidade nos resultados científicos que se definem de outra maneira.

O saber teórico, instituído academicamente, precisa interagir com as concepções construídas no cotidiano das relações sociais, possibilitando uma permanente troca entre visões de mundo que se expressam através de regis-

tros de linguagem ou de gêneros discursivos distintos. Os indivíduos e os grupos podem conquistar uma consciência crítica, cada vez mais elaborada, sobre a experiência humana, na medida em que são capazes de permitir que os diferentes gêneros de discurso (desde o discurso acadêmico até as formas cotidianas de expressão, através de ações, opiniões e representações sociais) possam interagir, transformando e re-significando mutuamente as concepções, sobre o conhecimento e a experiência humanas que circulam entre as pessoas num determinado espaço sociocultural, e num dado momento histórico.

A proposta deste livro é abordar a ética da pesquisa nas ciências humanas, tendo por base formulações teóricas de Mikhail Bakhtin, para analisar a diversidade e a complexidade da experiência do homem contemporâneo num mundo em permanente transformação. Os artigos reunidos focalizam a atividade de pesquisar com o olhar de uma perspectiva fundamentada na obra de Bakhtin. Não supomos nem propomos que esta seja a perspectiva mais relevante nem que se torne hegemônica, até porque defendemos a pluralidade de aportes teórico-metodológicos — condição para a democratização da pesquisa e produção do conhecimento científico. Estamos conscientes de que a pesquisa nas ciências humanas pode ter enfoques diversos e ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais: fenomenológico, funcional-estruturalista, antropológico, da interpretação das culturas, das teorias da socialização etc. As visões de homem e de mundo presentes numa determinada perspectiva teórica marcam toda a sua organização metodológica e estrutura conceitual. Neste caso, a perspectiva aqui apresentada — a partir de leituras de Bakhtin e nas pesquisas que temos desenvolvido com nossas equipes

— tem o materialismo histórico-dialético como pano de fundo e expressa, em seus métodos, o arcabouço conceitual e as marcas de sua vinculação dialética, conciliada com a matriz do dialogismo.

Por outro lado, ao apresentarmos esta reunião de textos discutindo a pesquisa em sua dimensão dialética e dialógica, procuramos recuperar uma trajetória de trabalho compartilhado através do qual foi sendo construída uma experiência que tem se consubstanciado na construção de um referencial orientador do processo de pesquisa.

Temos estudado esta perspectiva teórico-metodológica, desde o final dos anos 80, mais especificamente durante o doutoramento realizado na PUC-Rio. Naquele momento, foi se delineando o desejo de aprofundar o estudo da abordagem sócio-histórica (em particular a teoria de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky) e da teoria crítica da cultura (em particular Walter Benjamin), à medida que percebemos como estes enfoques proporcionam um outro olhar sobre os processos e relações que pretendemos pesquisar. Assim, nossas teses de doutorado (defendidas em 1992 na PUC-Rio) buscavam mudanças na forma, para garantir coerência com o seu conteúdo. Foi de fato um primeiro trabalho no qual a orientação teórica de cunho sócio-histórico mostrou sua implicação com um novo fazer metodológico. Marília Amorim — com quem partilhamos o estudo de Bakhtin, antes de sua ida a Paris (onde defendeu sua tese de doutorado) — tem sido uma interlocutora constante, ao longo de todos esses anos. Da mesma forma, ao longo destes anos, temos tido a oportunidade de participar de inúmeras e significativas atividades acadêmicas com dois outros pesquisadores importantes em nossa trajetória, João Wanderley Geraldi e Cecília Goulart, que compartilham desse referencial e trazem uma



interessante contribuição como lingüistas comprometidos com a educação.

Temos em comum a perspectiva teórica que nos orienta e a riqueza do debate que vem sendo desenvolvido. Nesses mais de dez anos, sempre permeados por estudo e trabalho teórico, temos nos debruçado sobre a empiria e sobre a teoria, acumulando experiência, discussões e reflexões sobre as implicações da perspectiva sócio-histórica para a prática da pesquisa. O intercâmbio permanente e a troca de desafios enfrentados motivam a publicação conjunta desses trabalhos em que, mais do que resultados, interessa expor, compartilhar e confrontar questões de pesquisa, especialmente questões metodológicas.

Abril 2003

*Maria Teresa Freitas*

*Solange Jobim e Souza*

*Sonia Kramer*

## Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas\*

*Solange Jobim e Souza\*\**

### O espelho

Um homem assustador entra e se olha no espelho. “Por que está se olhando no espelho, se somente com desagrado pode se ver? O homem assustador me responde: “Senhor, de acordo com os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais em direitos; tenho, portanto, o direito de me olhar;

---

\* Este texto foi elaborado tendo por base as reflexões teóricas e metodológicas realizadas no âmbito do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade — GIPS, Departamento de Psicologia, PUC-Rio, contemplando as discussões com os membros da equipe. Cabe ressaltar um agradecimento especial aos alunos da pós-graduação que desenvolveram a pesquisa de campo com recursos de videogravação e fotografia. São eles: Ana Elizabete Lopes, Cristiana Caldas, Denise Gusmão, Luciana Sander, Luciana Lobo, Maria Florentina Camerini, Newton Gamba Junior, Raquel Salgado e Rita Ribes Pereira.

\*\* Professora do Departamento de Psicologia, PUC-Rio; Faculdade de Educação, UERJ.

com ou sem agrado, isso é com a minha consciência". Em nome do bom senso, sem dúvida, eu estava com a razão; mas do ponto de vista da lei, ele não estava errado.

(*Charles Baudelaire*)

Estamos vivendo um momento em que a visibilidade está na ordem do dia. Com ou sem movimento, as imagens que circulam na sociedade já possuem espaço cativo em nossas vidas. Aos *outdoors*, programas de TV, cinema, fotografias não deixamos mais de dirigir nossos olhares. São imagens que já fazem parte de nossos sonhos, ajudam a criar e sustentar nossos desejos e acompanham nossos pensamentos.

Com efeito, as imagens técnicas se estabeleceram no cotidiano anunciando os novos tempos. Filmamos tudo: ultra-sonografias, partos, aniversários, casamentos, além de estarmos habituados a conviver com câmaras em nossas atividades cotidianas em bancos, supermercados, elevadores, lojas, restaurantes etc. Até mesmo na rua, quando nos deslocamos de um lado para o outro, somos observados por câmaras que acompanham nosso trajeto. Não há como escapar deste olhar máquina que re-significa nossa presença no mundo, criando comportamentos e experiências subjetivas inteiramente novas.

Refletir sobre as questões suscitadas pela imagem técnica é também procurar uma ampla e profunda compreensão sobre a nossa história, nossa cultura e nossos modos de subjetivação. O modo como passamos a integrar as imagens técnicas na nossa experiência cotidiana nos remete a uma questão fundamental, qual seja, em vez de nos servirmos das imagens em função do mundo, passamos a viver o mundo em função das imagens. Isso significa dizer que a abundância de imagens técnicas pode di

ficultar o funcionamento pleno de nossa capacidade de decifrar as cenas que se apresentam na forma de imagens como significados construídos. É o que acontece quando deixamos de compreender as imagens técnicas como produções culturais e subjetivas, assumindo-as como revelações objetivas do próprio mundo. Esta aparente objetividade das imagens técnicas é uma ilusão que precisa ser compreendida como tal, pois as imagens técnicas são tão simbólicas como qualquer imagem. Melhor dizendo, a imagem é signo, portanto linguagem. O mundo, cada vez mais, se revela por meio de narrativas figuradas, exigindo a presença de um novo leitor. Portanto, a imagem técnica deve ser decifrada para que as diversas camadas de significado nela contidas possam emergir no discurso em forma de texto. Compreender uma imagem é poder percorrer, no sentido inverso, o caminho de seu processo de criação. Uma imagem técnica esconde conceitos e sentidos que lhe deram origem; portanto, decifrá-la é procurar reconstituir o texto ou os textos que tal imagem contém. Estes textos são o modo como inventamos o mundo como abstração conceitual, melhor dizendo, o mundo revelado a nós através de conceitos. Portanto, o que vemos “*ao contemplar uma imagem técnica não é o ‘mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem*” (Flusser, 1998, p. 35).

Esta questão apresentada por Vilém Flusser nos remete a uma reflexão um tanto contemporânea, presente, inclusive, em filmes de ficção científica<sup>1</sup>, que é a relação, atualmente experimentada, entre o virtual e o real. Nossa intenção é mais afirmar o jogo que existe entre essas duas

---

1. O filme *Matrix* é um dos gêneros recentes que tematiza a interpenetração do virtual no real.

instâncias do que reiterar a sua dualidade. Apostamos, assim, na articulação entre essas duas dimensões em torno da produção de sentidos sobre o mundo. O virtual, mais do que sinônimo de ilusão ou falsidade, compreende um outro espaço de experimentação da própria realidade, proporcionado pelo convívio cotidiano com a imagem técnica. Pierre Lévy (1999) enfatiza a dimensão criativa do virtual, cujo movimento é indagar sobre o que já existe, apontando novas questões que se atualizarão. Desse modo, o virtual, no contexto de nossas indagações, refere-se a desestabilizações, porque suscita questões, em vez de apontar soluções, instaurando muito mais transformações de identidade do que um processo de desrealização.

As alterações subjetivas, marcadas pela gradativa experimentação virtual da realidade, têm provocado novos perfis culturais. Quanto a isto, muitas questões estão sendo feitas, poucas respondidas, e outras tantas estão por se fazer. No campo das ciências humanas e sociais, não podemos mais negligenciar as mudanças na vida social desencadeadas pelo diálogo que as imagens travam conosco. Cabe destacar, entretanto, dois aspectos fundamentais: o primeiro aspecto diz respeito ao fato de que essa experiência está sendo incorporada como hábito, ou seja, o efeito da cultura da imagem se revela no comportamento das pessoas e é assumido de modo natural, sem muitas indagações ou questionamentos; o segundo aspecto é como criar estratégias que permitam o estranhamento dessa postura e intervir neste processo de modo consciente, construindo os conceitos necessários para desenvolvermos uma atitude crítica sobre o modo como a cultura da imagem penetra e transforma nossa experiência subjetiva no mundo.

Em síntese, temos a própria experiência disseminada entre as pessoas como resultado da cultura de uma época.

entretanto, faz-se necessário buscar uma compreensão dessas transformações, construindo conceitos que nos permitam ter acesso a uma consciência mais elaborada dos acontecimentos contemporâneos. Este último aspecto se refere ao espaço que deve ser preenchido pelo trabalho da pesquisa em ciências humanas que, através do uso da imagem técnica, pode abrir fronteiras para explorarmos com mais profundidade a cultura da imagem e as novas experiências subjetivas. Pesquisar é um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social. Pesquisar é também penetrar na intimidade das camadas de leitura que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica no mundo. Os meios simbólicos não cessam de alimentar a compreensão que construímos das experiências contemporâneas, criando sempre novas possibilidades de interpretação de uma realidade em permanente mutação.

Nesse sentido, apostamos que a pesquisa em ciências humanas pode se beneficiar do uso das imagens técnicas como instrumentos mediadores e reveladores das intensas experiências culturais e subjetivas que estamos vivendo no momento atual. Se, por um lado, podemos afirmar que os usos da videogravação, da fotografia e da Internet vêm ganhando um espaço cada vez maior na vida social, consolidando práticas culturais e criando novos hábitos, por outro, no campo da pesquisa, embora ganhando crescente credibilidade, as discussões metodológicas sobre o uso desses aparatos técnicos são ainda muito insipientes<sup>2</sup>. Vale

---

2. Recentemente Cristiana Caldas Guimarães de Campos realizou um levantamento bibliográfico sobre o uso da videogravação na pesquisa no campo da psicologia e da educação e constatou a insuficiência

sublinhar que os modos de produção de conhecimento não podem estar desvinculados das práticas sociais e culturais cotidianas. De fato, o que se observa é que estas práticas começam a exigir a criação de estratégias de investigação condizentes com a experiência do sujeito contemporâneo de ver e de ser visto através da mediação de instrumentos técnicos.

O objetivo deste texto é encaminhar reflexões preliminares sobre questões éticas e metodológicas relativas ao uso da imagem técnica na pesquisa em ciências humanas. Para tanto, encontramos em Mikhail Bakhtin dois conceitos fundamentais — dialogismo e alteridade — que, conjugados com uma determinada visão de mundo, irão orientar nossas reflexões nesta direção. Embora Bakhtin tenha dedicado grande parte de sua obra à análise de textos literários, suas reflexões, no campo da criação estética, nos permitem estender suas considerações teóricas e metodológicas a enunciados que escapam da forma oral e escrita, como é o caso das imagens técnicas. Nesse sentido, admitimos ser possível ler as imagens técnicas como enunciados que carregam, também, sentidos tensos, expressos sob a conjugação de sons, falas, movimentos e imagens. Portanto, nossa proposta é analisar e discutir o uso da imagem técnica na pesquisa acadêmica, abrindo o debate para as questões éticas e metodológicas que se apresentam na atualidade, lançando novos desafios epistemológicos para as ciências humanas.

---

do debate metodológico nesta área. Ver dissertação de mestrado intitulada "Regras: conflito e transgressão. Em busca da dimensão alteritária infância/adulto na relação família/escola", de Cristiana Caldas Guimarães de Campos, Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 2000

## O olhar e a palavra na construção da consciência de si e o aparecimento de uma nova mediação — a câmara

A compreensão que o sujeito tem de si se constitui através do olhar e da palavra do outro. Cada um de nós ocupa um lugar determinado no espaço e deste lugar único revelamos o nosso modo de ver o outro e o mundo físico que nos envolve. Nesta perspectiva de análise, a ênfase está no lugar ocupado pelo olhar e pela palavra na constituição do sentido que conferimos à nossa experiência de estar no mundo. Ao observarmos as interações sociais e os enunciados que emergem na vida cotidiana constatamos a nossa necessidade absoluta do outro. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. O território interno de cada um não é soberano, como bem explicita Mikhail Bakhtin (1985), pois ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. É com o olhar do outro que me comunico com o meu interior. Tudo o que diz respeito a mim chega a minha consciência através do olhar e da palavra do outro, ou seja, o despertar da minha consciência se realiza na interação com a consciência alheia. Bakhtin recorre ao conceito de exotopia<sup>3</sup> para explicitar o fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência ver a outra como um todo, o que ela não pode fazer consigo própria. Diz o autor que há uma limitação intransponível no meu olhar que só o outro pode preencher. Cada um de nós se encontra na fronteira do mundo que vê. Aproximando os conceitos de exotopia e dialogismo, ou seja, a experiência

---

3. Este conceito é desenvolvido no texto intitulado "Autor y personaje en la actividad estética" que consta da obra *Estética de la creación verbal*, Bakhtin, M., México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.



espacial do olhar com a experiência vivida na linguagem, Bakhtin dirá que do mesmo modo que a minha visão precisa do outro para eu me ver e me completar, minha palavra precisa do outro para significar.

Num primeiro momento podemos constatar que a visibilidade do sujeito, em relação ao seu lugar espacial no mundo e a tomada de consciência em relação a si próprio, é determinada pelo olhar e pela linguagem do outro. Uma dada pessoa, do seu ângulo de visão, pode mediar, com o seu olhar, aquilo que em mim não pode ser visto por mim. Portanto, a construção da consciência de si é fruto do modo como compartilhamos nosso olhar com o olhar do outro, criando, desta forma, uma linguagem que permite decifrar mutuamente a consciência de si e do outro no contexto das relações socioculturais. Essa dimensão alteritária vivida pelo sujeito no âmbito das interações sociais serve como um espelho daquilo que em mim se esconde, e que só se revela a mim na relação com o outro. Nesta perspectiva, o outro ocupa o lugar da revelação daquilo que desconheço em mim. Nosso propósito é deslocar as reflexões de Bakhtin, extraídas do contexto da criação estética, para analisarmos a experiência que travamos cotidianamente com as câmaras, ou melhor, com as máquinas de visão, como um modo de ampliarmos o campo de nossa percepção, transformando a nossa experiência com o conhecimento e com a linguagem.

No mundo atual o olhar entre pessoas se expande e se beneficia com o uso da técnica, pois não somos mais apenas olhados pelo outro, mas por objetos que se comunicam conosco de modo peculiar, exigindo novas maneiras de interlocução e de revelação. Estamos falando das máquinas de visão criadas a partir do século XIX (fotografia, cinema, vídeo, Internet...) e que vêm desencadeando

novas maneiras de tomarmos consciência do mundo e de nós mesmos. Ao analisarmos os relatos de pessoas que viveram esta experiência no contexto da pesquisa acadêmica, destacamos alguns pontos interessantes para debate, como veremos a seguir.

### **Estranhando o que é familiar**

A sensação de estranhamento é um relato comum das pessoas que observam a sua própria imagem reproduzida na tela. É como se estivéssemos diante de um *eu* que é, ao mesmo tempo, um *outro*. Diria que neste momento a reprodução técnica da imagem de si proporciona uma tomada de consciência da dimensão alteritária do sujeito consigo próprio. Ou melhor, a experiência da mediação da imagem pelo instrumento técnico proporciona uma tal visibilidade do sujeito em relação a si próprio que desencadeia uma sensação paradoxal, ou seja, o sentimento de estranharmos aquilo que nos é familiar — a nossa própria imagem. O sujeito se dá conta daquilo que nele é diferente, não reconhecível como parte de si próprio. Entretanto, posteriormente, pode assimilar esta nova visada de si como própria e incorporá-la em sua consciência, assumindo-a como familiar. Neste momento constatamos que houve uma transformação da consciência de si.<sup>4</sup>

Uma outra questão para analisarmos diz respeito ao vídeo como desencadeador de uma relação ambivalente entre o sujeito e as possibilidades oferecidas pela câmara, pois a sensação de perda de controle da própria ima

---

4. Na literatura podemos apreciar este tema no conto de Guimarães Rosa, “O espelho”. Ver também “O estranho”, Freud.

gem e do seu discurso é um fenômeno que, se inibe e ameaça, também seduz. Seduz porque no centro da consciência de sermos sujeitos efêmeros existe o desejo de permanência da nossa imagem, da nossa presença no mundo, experiência que agora é recriada pela técnica. De fato, o sujeito que se coloca disponível para uma câmara sabe que a sua imagem ao descolar-se de si ganha uma existência própria e poderá, portanto, ser retomada por outras pessoas desencadeando interpretações infinitas. Este mesmo efeito foi alcançado também quando se constituiu a escrita, mas de modo evidentemente diverso deste que vivemos com a câmara. Cabe analisar a especificidade dessa revelação desencadeada no sujeito pela técnica que reproduz infinitamente sua imagem através do espaço e do tempo.

Da tensão entre o estranhamento e a ambivalência na relação com a imagem de si e do outro, surge, portanto, um outro estágio — aqui denominado estágio da dimensão lúdica, em que brincar com as possibilidades geradas pela duplicação da própria imagem passa a ser um desafio para os processos de criação estética e de produção de conhecimento. Recuperar a relação lúdica com o instrumento técnico é reconhecê-lo como produto de nossa imaginação e, portanto, resultado de nosso esforço e desejo histórico de continuar o processo de criação da própria existência, rejeitando o controle e a submissão passivas ao mundo administrado pela técnica.

Assim sendo, vale destacar que o uso do vídeo na pesquisa em ciências humanas deve estar comprometido com a desmistificação da técnica, colocando-a a serviço dos processos de criação do conhecimento e do próprio sujeito. O compromisso do pesquisador é criar estratégias metodológicas que permitam a participação, tanto

do pesquisador como do sujeito que colabora com a pesquisa, na construção de uma linguagem que incorpora a mediação dos instrumentos técnicos para conquistar uma visibilidade mais profunda dos modos como a realidade (física, social, virtual e subjetiva) se constitui na contemporaneidade.

### **A câmara como um terceiro “sujeito” que interfere no curso da entrevista**

O uso do vídeo no trabalho de campo com entrevistas, com crianças, jovens ou adultos, desencadeia uma série de questões que, por serem muito recentes no contexto da pesquisa, precisam ser cuidadosamente analisadas. Trata-se, portanto, de compreender a presença da câmara como um terceiro interlocutor que necessariamente favorece ou dificulta o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas, desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico.

Algumas questões de natureza semelhante já foram exaustivamente colocadas quando o uso do gravador começou a ser largamente difundido. Entretanto, a videogravação aponta para um novo conjunto de indagações, posto que as possibilidades de anonimato do sujeito desaparecem por completo. O discurso já nasce tendo como referência uma produção de linguagem compartilhada com pessoas e com um objeto específico (a câmara), que se apresenta neste contexto como mediadora em destaque das relações interpessoais. O sujeito participa ativamente e a produção de sentido pode ser negociada em todas as etapas da entrevista, ao mesmo tempo em

que a presença da câmara registra o próprio processo em seus mínimos detalhes. Neste caso, tanto o pesquisador como os sujeitos envolvidos na pesquisa estão juntos trabalhando acerca de um tema específico e a narrativa se desenvolve a partir de um compromisso que supõe a presença da câmara e todas as conseqüências de sua influência nos rumos que o discurso assume no contexto da entrevista. A câmara, mesmo que não ocupe um lugar de destaque na arrumação do espaço em que a entrevista se dará, deixa a sua marca explícita, pois supõe absorver, na forma como o discurso se constitui, os impactos que ela causa na subjetividade do pesquisador e dos sujeitos pesquisados.

### **A câmara como mediação no processo de construção da consciência do espaço social e subjetivo**

A câmara pode também ser utilizada como forma de intervenção nas práticas sociais, como desencadeadora de trocas interpessoais, que vão sendo construídas pelo grupo e negociadas a cada momento. O pesquisador neste espaço, embora conduza o processo de intervenção, encontra-se também como sujeito que experimenta com o grupo as descobertas que estão sendo desencadeadas. Neste caso, a câmara é utilizada como instrumento que provoca uma discussão em grupo, tornando a experiência coletiva de ver e de ser visto tema fundamental da própria investigação. Com esse enfoque pretende-se utilizar a videogravação como meio para alcançarmos uma visibilidade maior do nosso lugar no mundo, nossos desejos e intenções, incluindo a tomada de consciência de si causada pelo impacto que a própria imagem e a imagem do

outro provocam em nós, quando abordadas através dessa mediação técnica.

Esta abordagem metodológica apresenta uma peculiaridade que deve ser destacada: a dimensão processual do encontro entre o pesquisador e o grupo na produção do conhecimento individual e coletivo. Trata-se portanto de uma produção de conhecimento que acontece em duas direções complementares. Por um lado, o conhecimento que o grupo vai construindo sobre si mesmo e as particularidades que se revelam a cada sujeito, de modo singular; por outro lado, o conhecimento que o pesquisador vai construindo sobre a própria intervenção proposta por ele, através da utilização do vídeo, analisando as conseqüências desencadeadas por esse aparato técnico na dinâmica de funcionamento do grupo, avaliando, especialmente, os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e político-culturais que vão se revelando no grupo ao longo do processo de intervenção.

Podemos demarcar o processo de interação em grupo definindo o modo como se organiza a dinâmica desse encontro, enfocando os seguintes deslocamentos espaço-temporais:

- o lugar ocupado pelo pesquisador através de suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o grupo;
- o lugar ocupado por cada membro do grupo, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o pesquisador e os outros membros do grupo;
- o lugar ocupado pela câmara que interfere na dinâmica de funcionamento do grupo como um objeto que desencadeia sentimentos, atitudes e comportamentos.

Cabe destacar que em todos os momentos o pesquisador é um sujeito que participa, junto com o grupo, da construção de sentidos de uma experiência comum. Isso significa que há uma negociação permanente de produção de linguagem entre o grupo e o pesquisador, mediada pela câmara. Portanto, o pesquisador assume um lugar necessariamente ambivalente, uma vez que ele é o autor do processo de intervenção, mas, ao mesmo tempo, ele também é um sujeito que experimenta com o grupo um acontecimento novo, propiciando possibilidades de produção de conhecimento inusitadas tanto para o grupo como para ele (pesquisador). Essa ambivalência é, portanto, extremamente produtiva, pois estimula a experiência simultânea do saber e do não saber, criando espaço para que o discurso do outro se integre ao do pesquisador, revelando as possibilidades criativas e críticas do conhecimento construído na interação com o outro. A proposta do pesquisador é, portanto, construir um conhecimento dialógico e alteritário, ou seja, um conhecimento permanentemente compartilhado.

### **A ética das imagens na vida e na pesquisa acadêmica**

A pesquisa acadêmica que assume como principal meta refletir com os sujeitos sobre os processos de experimentação do real, do virtual e de si mesmo, assume um desafio fundamental como premissa, ou seja, o de criar um espaço diferenciado de interlocução entre pesquisador e os sujeitos envolvidos. Isso porque, nessa abordagem teórica e metodológica, os participantes da pesquisa não são apenas informantes de dados que serão analisados pelo pesquisador de maneira descolada do contexto em que a intervenção e o diálogo aconteceram. A compreensão dos

fenômenos abordados é compartilhada por todos os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, mesmo reconhecendo que o pesquisador deverá enfrentar, posteriormente, a tarefa de escrever o texto que irá dar conta do relato do processo construído por todos os sujeitos envolvidos, como uma espécie de porta-voz do grupo. Portanto, nossa intenção é ressaltar que o uso da videogravação em pesquisa acadêmica não se caracteriza somente como um rico instrumento de coleta de dados, mas operacionaliza a condição na qual pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações, tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual. Podemos com isso refletir sobre o estranhamento que o uso do vídeo permite; um estranhamento que se refere ao distanciamento em relação ao que, na esfera do cotidiano, se torna hábito, uma conduta que não é julgada pelo pensamento reflexivo. Walter Benjamin, citando Goethe, diz:

A primeira de todas as qualidades é a atenção — afirma Goethe. No entanto ela divide a primazia com o hábito que luta com ela desde o primeiro momento. Toda a atenção deve desembocar no hábito se não pretende desmantelar o homem; todo o hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem. (1987, p. 247)

Esse olhar dialético, proposto por Benjamin, entre a atenção e o hábito no que diz respeito à experiência contemporânea com as imagens técnicas, caracteriza de maneira exemplar nosso investimento na pesquisa acadêmica como um modo de intervenção social.

Toda a pesquisa, especialmente quando realiza um trabalho de campo, visa à troca com o outro, busca interlocuto



res para a produção de conhecimento. O modo como a pesquisa assimila ou nega a relação com o outro permite definir o tipo de conhecimento gerado. Isto quer dizer que ao re-significar o lugar do pesquisador e do sujeito pesquisado, permitindo a alternância de suas concepções de mundo no diálogo que se estabelece entre eles, estamos, deste modo, definindo que a produção do conhecimento acontece dialogicamente e inclui a dimensão alteritária dos sujeitos envolvidos. A pesquisa entendida a partir desses pressupostos apresenta uma postura que questiona o enfoque da ciência experimental que busca leis ou explicações totalizantes, adotando em contrapartida uma concepção de ciência como interpretação, como procura de significados. Portanto, a condição da verdade na pesquisa em ciências humanas e sociais está em uma construção permanente de sentidos que são produzidos, em conjunto, pelo pesquisador e pelos sujeitos pesquisados, numa tentativa de elucidar questões relativas à experiência contemporânea.

Parafraseando Mikhail Bakhtin, podemos admitir que a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está na interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. O mundo em que vivemos fala de diversas maneiras, e essas vozes formam o cenário onde contracenam a ambigüidade e a contradição. É possível perceber a unidade do mundo no particular, no efêmero, ou seja, a totalidade, a expressão de uma experiência mais universal, pode estar presente nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida. A unidade da experiência e da verdade do homem é polifônica. Dialogismo e alteridade constituem as características, essenciais e necessárias, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento.

Através desses recortes metodológicos preliminares, nossa intenção foi compreender e intervir nas formas contemporâneas de experimentação do real, do virtual e de si mesmo. Portanto, consideramos que a pesquisa em ciências humanas pode encontrar na imagem técnica uma forte aliada metodológica para a construção de um olhar sobre o humano que escape do enquadre das mediações massificadas. Para além de captar as minúcias das condutas humanas, e aí incluímos os gestos, os movimentos e os olhares, que compõem o rol dos discursos não-verbais, o uso da imagem técnica nas ciências humanas justifica-se pela possibilidade de emergência de discussões em torno do processo de produção da imagem no mundo contemporâneo.

Da recepção de uma imagem naturalizada, recortada do real e posta na condição de realidade única à compreensão e construção de imagens que se remetem a maneiras de ver, sentir e interpretar a realidade, temos um longo caminho a percorrer. Trata-se, sem dúvida, de um desafio para a pesquisa cuja intenção extrapola a detecção dos efeitos da videoesfera nas subjetividades, por comprometer-se com a proposição de espaços para que os sujeitos possam experimentar-se, não apenas como sujeitos captados pela lente da câmara, mas também como participantes da construção de suas próprias imagens. Essa proposta de pesquisa tem em suas mãos um imperativo ético com as questões, antes assinaladas, porque se lança na enxurrada da virtualização, sem deixar de lado os cuidados para nela não se afogar, esforçando-se por buscar formas de manter viva a sensibilidade do olhar perante a própria vida e o mundo.

Nosso propósito, portanto, foi enfatizar o compromisso político com a perspectiva ética da pesquisa em Cien

cias Humanas, apresentando estratégias metodológicas de investigação que visam consolidar experiências voltadas para a liberdade de expressão e o permanente estímulo aos processos de criação da condição humana.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética de la creación verbal*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1985.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas v. II. Rua de Mão Única*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, A. et alii. "Registro em vídeo na pesquisa em Psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência". *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 12, n. 3, 1996, p. 261-7.
- DESSEN, M. A. "Tecnologia de vídeo: registro de interações sociais e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais". *Teoria e Pesquisa*, v. 11, n. 3, set./dez., p. 223-7.
- FLUSSER, V. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa, Relógio D'Água, 1998.
- JOBIM e SOUZA, S. & RABELLO DE CASTRO, L. "Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo". *Psicologia clínica*. Departamento de Psicologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1997/8, v. 9, p. 83-116.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.
- PARENTE, André (org.). *Imagem e máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.
- PEIXOTO, C. "Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e a sua importância à análise das relações sociais". In: FELDMAN-BIANCO, B. & LEITE, M. M. (orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papyrus, 1998.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo, Edusp, 1997.